

**MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: TRILHAS DE LEITURA**

Verbena Maria Rocha Cordeiro<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este artigo analisa a recepção de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, perfazendo os vários significados históricos e estéticos que as muitas gerações de leitores lhe atribuem. Como orientação para essa travessia, recorreremos à Estética da Recepção, de Jauss e Iser, destacando o lugar do leitor histórico e os efeitos estéticos de uma obra literária sobre o leitor real. Embora a fortuna crítica de *Memórias póstumas de Brás Cubas* aponte leitores circunscritos em horizontes de expectativas diferentes, o diálogo que se estabeleceu entre vozes tão variantes reafirma o quanto o lugar e o tempo de cada leitura movem os múltiplos sentidos que essa obra suscita. Nossa intenção foi compreender que a vinculação de uma obra literária à moldura histórica de sua produção e recepção explicita o que esse romance, a partir de seu sentido original, pôde significar através dos tempos ou o que significa hoje para nós, leitores do século XXI.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira. Estética da Recepção. Leitores.

A entrada no mundo da leitura se faz, de um lado, por um ato solitário, mas, por outro, partilhado com o autor-fantasma que subjuga e instiga o leitor, num diálogo de permanente tensão. A leitura realiza-se, então, no diálogo entre leitor e autor e, nesse embate, fica difícil apreender com que profundidade ou dispersão o leitor penetra o sentido do texto. Isso guarda uma relação com o direito à liberdade que a leitura conquista, só possível graças à dimensão polissêmica, inerente a qualquer obra literária. Ainda que submetido à estrutura do texto, o leitor rebela-se, subvertendo a ordem, porquanto atravessado pelo desejo e pelas marcas sociais e culturais próprias.

Hoje, é por demais sabido que o panorama das principais orientações que se repartem no campo das pesquisas sobre a leitura centram-se no leitor, cujo interesse pelos aspectos históricos modelam tais estudos. Para tanto, tomamos a teoria da Estética da Recepção como eixo balizador. As preocupações que orientam esse trabalho situam-se, portanto, na confluência da Estética da Recepção, entre Jauss e Iser, afinando-se, por um lado, com os processos que definem a experiência estética e seus efeitos no leitor; e, por outro, com a relação obra-leitor produzida, dentro de uma moldura histórica sociocultural, na qual se tecem as relações entre produção e recepção de uma dada obra literária.

Essa primeira abordagem, de natureza teórica, sublinha a recepção como elemento vital à historicidade da obra literária, e a estética do efeito como reveladora das potencialidades de leitura de uma obra literária, por seu caráter indeterminado e lacunar.

Nossa intenção foi compreender como e em que medida a obra de arte dialoga com os leitores de seu tempo e de outros tempos, perfazendo os vários significados históricos e estéticos que as diferentes gerações lhe atribuem. Isso significa dizer que, só investigando as várias leituras, no nosso caso, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*<sup>2</sup>, reatualizamos e revivificamos o diálogo permanente do presente com o passado dessa narrativa.

A narrativa lacunar de *MPBC* foi uma escolha, seguramente, acertada. Publicada há mais de cem anos, esse romance anima um diálogo de quase cinco gerações de leitores, sustenta o interrogativo, garantindo sua permanência e sua vitalidade.

O estudo no campo da leitura configurou-se o primeiro e grande desafio, ou seja, o mapeamento de como *MPBC* vem sendo acolhido ao longo da história, desde sua publicação até a contemporaneidade. Revisar esse percurso crítico permitiu examinar o que existe - suas tendências e seus vazios -, além de incluir a recepção dos primeiros leitores de *MPBC*, na perspectiva de investigar o impacto do romance junto ao público do século XIX.

Inicialmente, pretendíamos estabelecer o marco de 1881 (correspondente à publicação em volume) até a publicação de *Quincas Borba*, dez anos depois, em 1891. No entanto, fomos levados a revisar essa primeira intenção à medida que as visitas iniciais no Rio de Janeiro, junto aos acervos da Fundação Biblioteca Nacional/FBN e da Academia Brasileira de Letras/ABL e à Casa Ruy Barbosa, revelaram um quadro desanimador, dadas à ausência, à precariedade e à insuficiência das fontes, sobretudo em periódicos, indispensáveis à compreensão das circunstâncias em que se efetuara a recepção primeira de *MPBC*.

A segunda visita foi bem mais animadora, ainda que mapear os bastidores da circulação de *MPBC*, sua primeira recepção e sua fortuna crítica, configurou-se no nosso maior desafio.

As informações esparsas e descontínuas, algumas quase ininteligíveis, a exemplo da primeira resenha de Capistrano de Abreu, foram algumas das dificuldades que enfrentamos. Mas persistimos, porquanto parecia-nos pertinente adentrar o cenário em que essa obra fora recebida, no sentido de avançar nos estudos que articulam a relação entre crítica e literatura.

A pesquisa de campo articulou dois movimentos básicos: o primeiro diz respeito às fontes, isto é, artigos de jornais, ensaios, dissertações, teses e livros sobre *MPBC*, e o segundo contempla o resultado da coleta, configurado no conjunto do material bruto, processado ao longo de mais de dois anos, compreendendo a seleção daqueles textos que tivessem como foco central o referido romance. Foram pesquisados e lidos mais de duzentos textos, recortando-se os mais significativos<sup>3</sup> (cento e doze) para serem incluídos no *corpus* do estudo, seguindo três critérios: os que configuram a primeira recepção; os mais consagrados e polêmicos e os de leituras mais próximas aos princípios da Estética da Recepção.

Para efeito desse mapeamento, percorremos a recepção de *MPBC* desde sua primeira publicação, em 1881, até a atualidade, constituída de cento e doze ensaios. O inventário crítico foi organizado em três etapas. A primeira, condensando a primeira recepção até o início do século XX; a segunda, enfeixando o período de 1930 até 1969, antes da institucionalização dos programas de Pós-Graduação no País, que confere grande impulso à crítica universitária, e a terceira, de 1970 até nossos dias<sup>4</sup>. São inúmeras as vozes, portanto, que se cruzam, numa pluralidade de tendências que vão se sucedendo ou mesmo convivendo ao longo desse tempo.

Como nossa intenção primeira, esclarecemos, era investigar a primeira recepção de *MPBC*, retornamos à cata de informações em jornais ou revistas do século XIX, na expectativa de obter dados que nos abrissem novos horizontes interpretativos. Após sucessivas buscas, esse esforço, não tão infrutífero, resultou no achado de duas peças, localizadas na Fundação Biblioteca Nacional, que nos parecem interessantes para se incorporar à fortuna crítica de *MPBC*, respondendo parcialmente a essa primeira recepção.

Uma refere-se ao manuscrito<sup>5</sup> da famosa carta de Capistrano de Abreu a Machado, de 1881, e outra à resenha “Livros e Letras”<sup>6</sup> desse mesmo autor, publicada na *Gazeta de Notícias*, nesse mesmo ano, revendo sua indagação sobre *MPBC* ser ou não um romance.

Ainda que Capistrano de Abreu, instigado por Valentim Magalhães, como veremos a seguir, tenha sido o autor da polêmica sobre o estatuto romanesco de *MPBC*, Capistrano, de alguma forma, pondera que o “romance aqui é simples acidente. O que é fundamental e orgânico é a descrição dos costumes, a filosofia que está implícita [...]. Tudo é bom; tudo é grande; tudo é santo. A humanidade reside no todo, mas reside igualmente no indivíduo. Como, por conseguinte, pode lesar-se a si própria<sup>7</sup>”. Nesse sentido, parece-nos que a leitura de Capistrano, além de estar mais preocupada com a temática da obra, é a prova que confirma a capacidade de sedução do defunto-autor, ao tentar angariar a atenção, de, pelo menos, cinco finos leitores, anunciados no prólogo “Ao leitor”. Capistrano assim encabeça a lista, constituindo-se esse artigo em uma fonte histórica preciosa na medida em que funda a primeira crítica publicada sob o impacto da recepção de *MPBC*. A partir daí, sucedem-se novas e insuspeitadas leituras sobre a obra ao longo de mais de um século, ampliando o debate que sai do círculo restrito de amigos e de admiradores para o público leitor especializado e anônimo.

Embora a correspondência de Capistrano a Machado tenha sido largamente utilizada e incorporada à crítica machadiana, havemos por bem incluí-la, como peça fundamental a esse trabalho, não por se tratar de algo inédito, mas pelo empenho de termos tido acesso ao original e, sobretudo, pelo fato de, ao se reler essa documentação, ter-nos chamado a atenção o comentário historicamente atribuído a Capistrano (até pelo próprio Machado, em 1886, no Prólogo da terceira edição) ter sido de Valentim Magalhães:

Em São Paulo, por diversas vezes, eu e Valentim Magalhães nos ocupamos com o interessante e esfíngico X. Ainda há poucos dias, **ele me escreveu**: O que é Brás Cubas em última análise? Romance? Dissertação moral? Desfastio humorístico? - **Ainda o sei menos que ele.** (grifo nosso)<sup>8</sup>

Isto nos induz a levantar a hipótese de que, na verdade, teria sido Valentim o primeiro a pôr isso em dúvida e não Capistrano. Por que esse lapso dos comentadores? Por que esse deslocamento de autoria? Valentim teria suscitado a curiosidade e Capistrano dela se apropriado? Ou o fato de essa carta ser da autoria de Capistrano, teria levado a esse *natural* equívoco? Seria a sua autoridade de intelectual, mais impositiva do que a de Valentim? Ou mesmo pela mais forte e plausível razão de ter sido mencionado como da autoria de Capistrano, no Prólogo do romance, pelo próprio Brás e assim ficar canonizado? Essa questão, que ora levantamos e que tanto nos

intriga, pode continuar também intocada, ou em aberto, no aguardo do olhar de outros pesquisadores que queiram arriscar desfazer as interpretações já consagradas pelo tempo.

A pergunta - *Memórias póstumas de Brás Cubas, o que são, afinal?* - formulada pelos contemporâneos de Machado, seja Capistrano de Abreu, seja Valentim Magalhães, termina por constituir a chave que incita o leitor de hoje a atualizar sua resposta face a uma narrativa considerada, à época, *fora de lugar*. O próprio Machado reforça a dúvida que recai sobre em que gênero sua obra se inscreve, ao lhe dar um lugar de destaque no “Prólogo da terceira edição”, em 1886. Tal indagação provocou o interesse da crítica, revelando-se até hoje aberta a diferentes interpretações<sup>9</sup>. Isso significa dizer que *MPBC* já contém o germe da pergunta e da resposta como recurso a sua atualização, dentro dos princípios defendidos pela Estética da Recepção. Ora, se de uma parte esse mérito cabe a seus inquisidores, seus contemporâneos, que o desafiaram, por outro lado, é o próprio Machado que, provocado, responde-lhes, abrindo assim um debate que perdura por mais de um século.

Nossa intenção, ao seguir mais de um século de leitura, foi tentar mostrar que os diferentes olhares sobre uma obra literária, ainda que advindos de épocas e cenários distintos e sustentados em tendências teóricas as mais ecléticas, não respondem por inteiro às perguntas formuladas pelo autor e, por sua vez, também “deliram” diante de tantos enigmas. Resta sempre um resíduo, deixado em cada geração, que se adere a outros sentidos que se desdobram, se confrontam, se completam ou se negam, impulsionando autor e leitor a velarem pela permanência da obra.

A poética de Machado de Assis parece ter sido uma obra que fascinou e continua fascinando o seu público. Inventariar a história de sua fortuna crítica revela o seu poder encantatório, quando contabilizo um volume expressivo de estudos críticos (incluindo autores estrangeiros) nesse campo. Alguns lhe dedicaram quase uma vida, como é o caso de Augusto Meyer, de Eugênio Gomes, de Lúcia Miguel Pereira, de Wilton Cardoso, ou mais recentemente, João Alexandre Barbosa, Alfredo Bosi, Roberto Schwarz; enquanto outros o incluem em seus projetos acadêmicos, a exemplo de Maria Rosa Duarte Oliveira, Luiz Jobim, Letícia Malard, Enylton Rego, Marta de Senna, Regina Zilberman, entre outros.

Esse inventário expressa e ilustra o pensamento de uma parcela de peso da intelectualidade brasileira que muito tem contribuído para construir uma história de leitura da obra machadiana, a qual figura entre as mais importantes da literatura brasileira.

## MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: READING PATHS

### ABSTRACT

This article examines the reception of Machado de Assis's *Memórias póstumas de Brás Cubas*, recovering the various historical and aesthetic meanings that many generations of readers attribute to it. As guidance for this crossing, we will recur to Jauss's and Iser's Theories of aesthetic response, highlighting the role of historical reader and the aesthetic effects of a literary work on real reader. While critical reception of *Memórias póstumas de Brás Cubas* points to circumscribed readers in different horizons of expectations, the dialogue established between voices so diverse reaffirms how the place and time of each reading move the multiple meanings raised by this work. Our intention was to understand that the vinculation of a literary work with the historic frame of its production and reception makes clear what this novel, from its original sense, could mean over time or what it means for us today, readers of XXI century.

**Keywords:** Brazilian Literature. Theory of aesthetic response. Readers.

### NOTAS

- <sup>1</sup> Prof<sup>a</sup> Titular da Universidade do Estado da Bahia/DCH-I e dos Programas de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens/PPGEL e em Educação e Contemporaneidade/PPGEduC.
- <sup>2</sup> Apresentamos um recorte da tese de doutorado defendida em janeiro de 2003/PUCRS, extraído do capítulo 2, intitulado “*Memórias póstumas de Brás Cubas*: mapeando um percurso crítico”. Doravante, passaremos a nos referir à obra utilizando a sigla *MPBC*.
- <sup>3</sup> Cf. Anexo D, *Fortuna crítica de MPBC/Cronologia da fortuna crítica de MPBC do século XIX ao século XXI*, no segundo volume da referida tese.
- <sup>4</sup> Sobre a recepção de *MPBC* - do século XIX ao início do século XXI - ver o segundo capítulo da referida tese – “*Memórias póstumas de Brás Cubas*: mapeando um percurso crítico”.
- <sup>5</sup> Cf. Anexo B, *Os bastidores da circulação de MPBC/Acervo fotográfico* (foto concedida a essa pesquisadora pela Academia Brasileira de Letras em abril de 2002).
- <sup>6</sup> A transcrição desse artigo e sua respectiva cópia encontram-se no Anexo B, *Os bastidores da circulação de MPBC*.
- <sup>7</sup> ABREU, C de. Livros e letras. *Gazeta de Notícias*, 30 de janeiro de 1881. Cf. o Anexo C, *A recepção de MPBC/Transcrição do artigo e sua respectiva cópia*. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional/FBN.
- <sup>8</sup> Esta carta está publicada em RODRIGUES, J. H. (Org.) *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. III, 1977, p. 373-374. Cf. Anexo B, *Os bastidores da circulação de MPBC/Transcrição da correspondência*.

- <sup>9</sup> Cf. os estudos de E. Gomes, W. Cardoso, Gondin da Fonseca, Jeferson Cano, Rocha, entre outros. Parece-nos importante remeter os leitores aos anexos, que constituem o segundo volume dessa tese, para ilustrar o conteúdo desse estudo, e que nos parece a grande contribuição que podemos oferecer, disponibilizando esse material para a comunidade acadêmica.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. Livros e letras. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 jan. 1881.
- ACOSTA, Luis. *El lector y la obra: teoría de la recepción literaria*. Madrid: Gredos, 1989.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Jackson, 1950.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: 34, 1996, v.1; 1999, v.2.
- JAUSS, Hans-Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos da Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- RODRIGUES, José Honório. (Org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. III, 1977, p. 373-374.